

Resumo

Este texto versa sobre uma série de fotografias tiradas em duas viagens que fiz na BR 230, a Transamazônica. São impressões e relatos da experiência como professor colaborador do curso intercultural Indígena da Universidade do Estado do Pará e outra viagem como professor da Secretaria de Estado de Educação - Seduc, onde fui coordenador de mídia no Projeto denominado Sistema Educacional Interativo - SEI. É um texto, portanto, que versa sobre arte, educação, tecnologia e sobre questões prementes que impactam sobre a região amazônica, sua diversidade, patrimônio e a história de suas populações, em especial aqui, uma comunidade da etnia Munduruku e os colonos que povoam a Transamazônica. Pessoas que foram atraídas do nordeste e sul do Brasil com a propaganda de "integrar para não entregar". Mas integrar o que pra quem? Para não entregar o que pra quem?

**Palavras-chave:**

Educação; arte; filosofia; Amazônia; Transamazônica; colonização.

**INTRODUÇÃO**

O objetivo deste artigo é compartilhar uma série de fotos referentes a uma experiência na Amazônia. Uma imagem menos romântica e exótica de como é comumente retratada, desde o período dos primeiros colonizadores. As imagens retratam o que hoje é uma parte dessa floresta tropical e os impactos trazidos pela colonização, tanto a dos portugueses, quanto a colonização realizada pelos militares sendo justificada como integração nacional.

A narrativa parte de duas experiências que tive no segundo semestre de 2017 em uma viagem pela

*Abstract*

*This text is about a series of photographs taken on two trips I took on the BR 230, the Transamazônica. These are impressions and reports of the experience as a collaborating professor of the Indigenous intercultural course at the State University of Pará and another trip as a professor at the State Secretariat of Education - Seduc, where I was the media coordinator in the Project called Sistema Educacional Interativo - SEI. It is therefore a text that deals with art, education, technology and pressing issues that impact on the Amazon region, its diversity, heritage and the history of its populations, especially here, a community of the Munduruku ethnic group and the settlers that inhabit the Transamazônica region. People who were attracted from the northeast and south of Brazil with the "integrate not to deliver" advertisement. But integrating what for whom? Not to deliver what to whom?*

*Keywords:*

*Education; art; philosophy; Amazônia; Transamazônica; colonization.*

transamazônica - BR 230. Um semestre que marcou significativamente a minha vida profissional, tanto como professor de filosofia, quanto, na época, estudante do curso de Artes Visuais da UFPA. Experiências que partem de contato com povos tradicionais e com a zona urbano rural dos colonizadores. Duas realidades que se encontram e se entrecruzam em uma convivência violenta, como são todos os processos de colonização.

A primeira viagem foi do trecho que corresponde a uma distância de 390 Km de Itaituba a Jacareacanga, onde fui convidado a ministrar a disciplina Saberes Indígenas e Fundamentos Filosóficos da Educação, no curso de graduação



Figura 01 – Mantimentos, acervo próprio. Jacareacanga –2017.

Intercultural Indígena da UEPA. A disciplina seria ministrada em uma Aldeia Munduruku, localizada no município de Jacareacanga, no extremo sudoeste paraense, na região do tapajós.

O outro momento foi como professor da Secretaria Estadual de Educação do Pará (SEDUC-PA); e como Coordenador de Mídia do projeto SEI (Sistema Educacional Interativo). Quando tive que viajar novamente para a transamazônica para apresentar, junto com outro professor, o projeto às comunidades que foram “escolhidas” pela secretaria de educação, para serem agraciadas com a sua implementação. Viajamos de Altamira a Santarém, cerca de 557 Km, que atravessam os municípios de Medicilândia, Uruará, Placas e Rurópolis, região do Xingu.

### **INTERCULTURAL INDÍGENA**

O itinerário a ser cumprido foi o primeiro desafio. Sair de avião de Belém até Altamira, de lá pegar outro avião até o município de Itaituba. Dormir em Itaituba e pela manhã ir de transporte terrestre e seguir a BR-230, em uma viagem de 10 horas, em um trecho da Transamazônica até o município de Jacareacanga (Figura 01), pernoitar e pela manhã providenciar as provisões necessárias para passar

duas semanas na Aldeia. E, finalmente, pela manhã, seguir de lancha para a aldeia Sai Cinza.

Em Belém, o voo estava marcado para as 14:30, porém, uma troca de aeronave fez com que a viagem atrasasse duas horas. Às 17:00 o avião saiu rumo ao município de Altamira, onde eu e a minha companheira de missão tivemos que aguardar mais alguns minutos para levantar voo novamente rumo a Itaituba (Figura 2).

Chegamos no nosso primeiro destino às 18:30, fomos procurar um hotel, tomar banho, guardar as bagagens, jantar e comprar a passagem do micro-ônibus que nos levaria a Jacareacanga. Ao amanhecer fomos ao mercado fazer as compras, basicamente comida e material de limpeza. Enchemos duas caixas com os mantimentos e fomos direto para o terminal pegar o micro-ônibus da empresa Buburé, a única que faz esse trajeto, acho que até a única na transamazônica, a outra opção de transporte seria fretar uma caminhonete, o que torna a viagem mais cara, porém, mais rápida. Estávamos com duas poltronas garantidas para uma viagem tranquila e relativamente confortável, mas a cobiça da empresa em levar o maior número de pessoas possíveis fez se formar dentro do ônibus uma dança das cadeiras onde



Figura 02 – Hospedagem, acervo próprio. Jacareacanga –2017.



Figura 03 – Buburé, acervo próprio. Itaituba –2017.



Figura 04 – Transamazônica, acervo próprio. Jacareacanga –2017.

eu fui parar sentado em um banco no meio do corredor. Eu, com o meu espírito aventureiro, estava achando tudo maravilhoso. Só não achei tão maravilhoso o fato de a vaga de um idoso ter sido trocada por um craque do time de futebol que não poderia esperar outro ônibus, que aliás, só sairia no dia seguinte. Mas depois o jogador indispensável se acomodar (em uma poltrona) finalmente pudemos seguir viagem. Acho que não reclamei tanto do novo lugar porque ele me dava uma boa visão da paisagem e era um lugar estratégico para tirar algumas fotos (Figura 03).

A viagem de dez horas parecia um desafio aceitável, e executável. Mas se tratando da transamazônica, cada curva ou ladeira é uma caixinha de surpresas. Nunca se sabe o que os espíritos da Floresta estão reservando para aqueles que a invadem, exploram e destroem a natureza. Assim que entramos na estrada de terra ia lembrando das histórias que meu pai contava, do tempo que trabalhava naquela área como engenheiro agrônomo pela Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado do Pará / Emater - Pará. Uma das histórias era a de que ele havia capotado com um carro em um barranco, que são característicos desse trecho da estrada: 390 km de chão com direito a duas

paradas. Uma para o almoço e outra para ir ao banheiro, isso se não houver nenhum imprevisto, como a interdição da estrada por causa de algum caminhão que atolou e fechou a completamente a passagem. Apesar dos dois motoristas do ônibus dizerem que a estrada estava boa porque não era período de chuva, um caminhão que não teve força para subir a ladeira, pois estava derrapando na estrada seca, fechou o caminho. E não havia como o ônibus passar sem arranhar a lataria. E lá ficamos, aguardando uma solução que só viria depois do Sol se pôr, da água acabar e das crianças chorarem. Já estava anoitecendo, e parecia que eu estava dentro de um conto do povo Tukano, que narra a seguinte situação:

O dia foi passando bem rapidinho e quando o caçador se deu conta já estava anoitecendo. Ele ficou aflito, pois sabia que passar a noite na mata é sempre muito perigoso. Além dos animais noturnos, há os espíritos da floresta que habitam o lugar. Ficou especialmente com medo do espírito protetor dos animais: o curupira. Ele já ouvia falar demais desse espírito que, segundo os velhos, enlouquecem os caçadores desavisados que teimam pernoitar no mato. (MUNDURUKU, 2005, p. 53).

E, assim como na história, estávamos ficando todos loucos: motoristas discutindo com passageiros, crianças chorando, e muitos xingando por não



Figura 05 – Materiais para garimpo, acervo próprio. Jarareacanga–2017.



Figura 06 – Rio Tapajós, acervo próprio. Jacareacanga – 2017.



Figura 07 – Cabana indígena, acervo próprio. Jacareacanga – 2017.

suportarem mais aquela situação. Foi quando os motoristas decidiram retornar até uma cabana onde tinha um trator e pedir ajuda para retirar o caminhão do lugar. A missão foi executada com sucesso, mas a viagem que deveria durar 10 horas durou 15. Finalmente chegamos a Jacareacanga, procuramos um hotel e descansamos (Figura 04).

Alguns minutos depois fomos procurar o que comer. Havia uma barraca de sanduiches e nela uma televisão onde passava um documentário sobre a Serra Pelada. Mais uma ferida na floresta, um poço sem fundo onde muitos se perderam em busca do Eldorado. O garimpo naquela área também é prática comum, inclusive com lojas de equipamento para garimpeiros (Figura 05).

No dia seguinte entramos em contato com a secretária de educação do município, responsável por auxiliar-nos no próximo trecho da viagem: cerca de uma hora de barco de Jacareacanga a Aldeia Sai Cinza, que fica em uma área indígena Munduruku, às margens do rio Tapajós. Arrumamos nossas coisas e aguardamos o carro para nos levar à beira do rio para pegar o barco (Figura 06).

## A CHEGADA NA ALDEIA

(Figura 07) Confesso que fiquei idealizando nossa chegada e a permanência na aldeia a mais romântica possível, idealizando meus anfitriões como no romance de José de Alencar. Me imaginava chegando em um lugar onde todos estariam dançando ou reunidos em algum lugar praticando algum “ritual”. Mas o lugar que me deparei foi uma vila calma, a tranquilidade do período da tarde denunciava a hora do descanso. Alguns estudantes que estavam no posto médico vieram nos ajudar com a bagagem, andamos mais ou menos uns 200 metros até chegar na casa onde iríamos ficar alojados. A minha ignorância era tanta que vi atrás da casa três vasos sanitários expostos a céu aberto, e imaginei de primeira que aquilo era o banheiro, mas soube posteriormente que estava desativado (Figura 08).

A escola, que ficava a uns cinco metros da casa onde ficamos, era uma das poucas construções em alvenaria, contando também com o posto médico e a igreja evangélica, a qual só compreendi a existência depois de pesquisar mais sobre o assunto. Essa passagem de Márcio Souza nos dá uma pista do que uma igreja evangélica faz dentro de uma aldeia Munduruku:



Figura 08 – Sanitários, acervo próprio. Jacareacanga – 2017.

O mais grave é que a educação imposta aos indígenas era compartilhada por seguimentos retóricos da sociedade civil, como as diversas missões evangélicas, na sua maioria norte americanas, que escondiam seus interesses escusos em nome da evangelização (SOUZA, 2015, p. 210).

A *New Tribes Mission* era um desses segmentos, que açoitavam indígenas doentes com pretexto de que estavam expulsando demônios. Como um caso de um indígena que foi transportado da Bolívia para Rio Branco com o relato de que estava sofrendo uma possessão diabólica por sete demônios. Mas o que ele realmente tinha era uma hepatite. “Era esse tipo de gente que fazia a política educacional da ditadura militar” (SOUZA, 2015, p. 211). Mas os demônios realmente existiam, eles já haviam chegado quinhentos anos atrás, nas caravelas. E eu, tomando todos os cuidados para também não ser mais um demônio a invadir o espaço de povos tradicionais.

A casa onde ficávamos alojados era uma casa de madeira que geralmente é denominada de “casa dos professores”, por ser oficialmente o lugar onde professores que trabalham no campo e em áreas indígenas costumam ficar. Dependendo do período, a casa fica cheia de professores e as vezes apenas com dois, como era o nosso caso.

Os recados colados na parede estabeleciam as regras do bem viver, “lave a suas louças depois do almoço”, “e do jantar por favor”, “Sujou lavou”, dentre outras. É claro que para duas pessoas a necessidade das regras são também fundamentais então, como não sei cozinhar, fiquei encarregado de fazer a limpeza enquanto a minha colega fazia a comida. Entre as aulas e os trabalhos de casa fui me familiarizando com a dinâmica da Aldeia Sai Cinza, o tratamento do lixo, o horário em que o gerador era ligado, geralmente no fim da tarde até as 22:00 horas mais ou menos, era o horário que acabava a novela. Esse era o ritmo e os costumes dos Munduruku na Aldeia Sai Cinza. Assistir novela, jogar bola no fim da tarde, ir à igreja aos domingos e almoçar o frango embalado que a prefeitura enviava para os acadêmicos que vinham de várias outras aldeias para participar do curso, e ficavam o período inteiro longe de casa (Figuras 09 e 10).

### **SABERES INDÍGENAS E FUNDAMENTOS DA FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO**

(Figura 11) A disciplina Saberes Indígenas e Fundamentos Filosóficos da Educação, segundo a ementa, aborda as formas de elaboração do conhecimento indígena e a sua relação com origem



Figura 09 – Casa de professores, acervo próprio. Jacareacanga – 2017.



Figura 10 – Cozinha, acervo próprio. Jacareacanga – 2017.



Figura 11 – Mito da caverna, acervo próprio. Jacareacanga – 2017.

e natureza da filosofia e tende a estabelecer relações da filosofia com o contexto e a educação escolar indígena.

A primeira ideia que tive foi de reproduzir em uma lona uma imagem da alegoria da caverna de Platão que havia encontrado na internet. O painel ficou exposto na sala durante todo o percurso da disciplina, simbolizando uma visão de uma prática educativa libertadora. Mas ficava cada vez mais claro que o prisioneiro a ser libertado das correntes seria eu mesmo. Que estava afogado em sombras e fantasias criadas pela mídia, pela falta de informação e pelo principal aliado da ignorância: o preconceito. Estava seduzido pelos olhos do colonizador, segundo o qual “a identidade do nativo começa a ser moldada segundo uma visão que não pode escapar à formação dos cronistas do século XVI e aos projetos nos quais estão inseridos” (THIEL, 2012, p. 17).

O novo é explicado sob o prisma de um eixo representacional. É tecido por olhares voltados para o Novo Mundo, mas política e culturalmente localizados no Velho Mundo. O olhar do colonizador tem pés que não estão necessariamente na terra que descreve (THIEL, 2012, p. 17).

Escolhi o mito da caverna por compreender que a alegoria de Platão contempla uma discussão da educação como um ato libertador, onde o filósofo pede para seu interlocutor comparar “o mundo percebido pela visão com o domicílio carcerário” (PLATÃO, 2006, p. 15). O Professor Benedito Nunes sintetiza de maneira majestosa o mito da caverna no prefácio da edição de 2006 da UFPA:

As coisas que vemos em torno de nós são reflexos de puras ideias dotadas de existência real e são, desse modo, cópias ou aparências de tais ideias. Eis o costumeiro resumo da filosofia platônica posta em cena pelo mito da caverna contado pela primeira vez no Livro VII de A República. Dizemos pela primeira vez porque esse mito foi inventado por Platão. Os homens acorrentados que aí aparecem só percebem as sombras dos objetos e pessoas que desfilam no exterior. Só quando se libertam das cadeias e galgarem até o exterior, poderão ver as coisas verdadeiras à luz do sol que as ilumina. Trata-se então do efeito libertador do conhecimento. Mas para alcançá-lo precisará o homem, por iniciativa própria, libertar-se das imagens ilusórias que encadeiam. Sendo libertador, o efeito do conhecimento também é moral. Platão acompanha a trajetória daquele que se libertou. Poderá retornar ao meio em que vivia para contar aos outros que vivem presos a ilusões. Os primeiros poderão ou acreditarem nessa revelação. Se acreditarem, ganharão a liberdade e poderão contribuir para que os outros



Universidade do Estado do Pará  
Pró-Reitoria de Graduação  
Núcleo de Formação Indígena  
Curso de Licenciatura Intercultural Indígena

# MURAYCOKO



**A FILOSOFIA MUNDURUKU**




MURAYCOKO: A Filosofia Munduruku

## MURAYCOKO

### HISTÓRIAS TRADICIONAIS MUNDURUKU

1. A origem do Rio Tapajós
2. A transformação de Muraycoko
3. História do Jabuti
4. O aventureiro Peresoatpu
5. Origem do Mucura
6. A transformação do Mukora

### HISTÓRIAS REAIS MUNDURUKU

1. A Escola Sawre Muywatpu
2. Pescaria Munduruku no Rio Tapajós
3. Saúde Indígena na Aldeia Sai Cinza
4. Licenciatura Intercultural Indígena
5. A beleza do Rio Tapajós
6. Remédios caseiros tradicionais
7. Um domingo na Aldeia Munduruku

Este DVD é composto por vídeos produzidos por alunos da turma "Munduruku: Magistério Indígena e Professores Indígenas" e turma "Munduruku: Egressos do Ensino Médio", como resultado da disciplina "Saberes Indígenas e Fundamentos da Filosofia da Educação" ministrada por André Freitas.  
Organização: André Freitas

Figura 12 – Material didático, acervo próprio. Belém – 2017.

de libertem. Mas essa diferença entre o real e o ilusório, que excede o pensamento platônico, continua sendo, até hoje, a lição primeira de toda a filosofia (NUNES, 2006, p. 07).

O conhecimento deve ser alcançado "por iniciativa própria", ou seja, com autonomia. Mas quando sai da prisão (caverna) o prisioneiro encontra um interlocutor que mostra a ele os objetos reais, e à custa de perguntas o obriga a designar os objetos pelo nome e o força a olhar para a luz do Sol. Temos também na narrativa os seus companheiros que ficaram presos na caverna.

Nos vemos em determinado momento, dependendo de nosso estado de espírito, ou de consciência, como os personagens do mito, em determinados momentos, em relação a determinados conhecimentos, somos prisioneiros, em outros somos o seu interlocutor, em outros os seus companheiros, que negam o conhecimento. Em relação aos saberes indígenas por exemplo, me sentia um completo prisioneiro, que quer se libertar e ser guiado pelos acadêmicos. Aprendi por exemplo, que a palavra índio e tribo não representam nem definem os povos originários, os termos são uma violência à sua identidade cultural.

Um acadêmico disse "professor, nós não somos índios, nós somos o povo Munduruku". Quanto a esses termos, o escritor Daniel Munduruku tem considerações significativas:

O mês de abril traz muitas possibilidades de reflexão e é bom que assim seja. Talvez a mais importante seja rever conceito do "índio" que está introjetado no coração do brasileiro. As escolas e seus profissionais precisam fazer uma leitura crítica sobre como estão lidando com este conceito e, quem sabe, passar a tratar o tema com a dignidade que merece. Precisa começar a se dar conta que esta palavra traz consigo um fardo muito grande e pesado, pois se trata de um apelido aplicado aos habitantes dessa terra. Pensar que a palavra é um engano tão grande quanto considerar que estes grupos humanos podem ser reduzidos a ela. Não podem (MUNDURUKU, 2010, p. 19).

Em relação a palavra tribo:

Está inserida na compreensão de que somos pequenos grupos incapazes de viver sem intervenção do Estado. Ser tribo é estar sob o domínio de um senhor ao qual se deve reverenciar. Observem que essa é a lógica colonial, a lógica do poder, a lógica da dominação. (...) Se não se pode chama-los de "tribo", como chama-los? "Povo". É assim que se deveria trata-los. Um povo tem como característica sua dependência política, religiosa, econômica e cultural (MUNDURUKU, 2010, p. 23).



Figura 13 – Rio Tapajós, acervo próprio. Jacareacanga – 2017.

Depois dos esclarecimentos dos estudantes Munduruku e do texto de Daniel, evito usar esses termos, e tento esclarecer outras pessoas sobre os conceitos. Mas muitos ainda me tratam como os companheiros do prisioneiro que saiu e voltou para falar sobre a realidade, com hostilidade.

Após narrar o mito da caverna pedi aos acadêmicos que fizessem suas interpretações sobre a imagem. Foi impressionante e emocionante a manifestação dos estudantes perante o painel. Um deles se levantou e foi para a frente da classe para explicar o que havia entendido, primeiro na língua Munduruku, depois em português, como era de costume. E assim foi o curso inteiro, discutíamos sobre ética, política, estética, ciência, educação, e toda discussão nos remetia ao painel.

Como culminância da disciplina, produzimos um material didático em formato áudio visual. Ficamos dois dias filmando e editando para criar os filmes que compõem o material didático em suporte DVD denominado “MURAYCOKO - A filosofia Munduruku (Figura 12).

Os filmes versavam sobre vários assuntos, histórias tradicionais, remédios, saúde, educação, o dia a dia na aldeia e o grande Rio Tapajós, o grande cenário de um dos filmes.

### “SÓ SEI QUE NADA SEI”

A outra experiência na BR 230 (transamazônica) foi como coordenador de mídia do projeto Sistema Educacional Interativo - SEI. Um projeto da Secretaria Estadual de Educação que tinha como objetivo levar uma nova metodologia de ensino presencial mediado pela tecnologia.

O plano inicial era abarcar 140 comunidades de 30 municípios do Estado do Pará, lugares os quais eu nunca havia ouvido falar, a primeira coisa que fiz foi pegar um mapa do Estado do Pará. Foi a partir desse momento que passei a compreender as palavras de Paulo André Barata “eu sou de um país que se chama Pará”.

Eu e outro professor fomos incumbidos de levar as boas novas, de esclarecer as comunidades que estavam sendo “beneficiadas” com o programa, que não era visto com bons olhos. Talvez por ser mais uma política pública que não leva em consideração as demandas da comunidade. Inclusive sofrendo uma ação civil do Ministério Público. A questão é que a comunidade achava que o projeto, por mais avançado e tecnológico que fosse, não satisfazia suas necessidades. Sobre isso, nosso mestre Paulo Freire nos adverte

O projeto científico e tecnológico que não responde fundamentalmente aos interesses humanos, às necessidades da nossa existência, perdem, para mim, sua significação. A todo avanço tecnológico



Figura 14 – Para-brisa, acervo próprio. Medicilândia – 2017.

haveria de corresponder o empenho real de resposta imediata a qualquer desafio que pusesse em risco a alegria de viver do homens e das mulheres. A um avanço tecnológico que ameaça milhares de mulheres e de homens de perder seu trabalho deveria corresponder outro avanço tecnológico que estivesse a serviço do atendimento das vítimas do progresso anterior. Como se vê, esta é uma questão ética e política e não tecnológica (FREIRE, 2019, p. 127).

O itinerário agora era outro. Mais dinâmico. No período de três dias teríamos que visitar seis comunidades em três municípios e no quarto dia deveríamos estar em Santarém para pegar o avião com destino a Belém.

Sáimos de Belém de avião com destino a Altamira, pernoitamos lá e ao amanhecer pegamos um micro-ônibus até Medicilândia. Lá estava eu de novo no micro-ônibus da Buburé, a viagem dessa vez relativamente tranquila, pelo menos no primeiro trecho (Figura 14).

Os pingos no para-brisa já previam o mau tempo e as más condições da estrada que, até esse trecho, era asfaltada. Mas quem mora nessas regiões já sabe que ao menor sinal de chuva a estrada firme se transforma em uma pista de patinação, dá pra sentir literalmente o carro deslizando no

barro, e o motorista com toda a cautela tentando controlar o volante para não atolar e nem perder o controle do veículo. Não demorou muito para encontrarmos carros parados na estrada por causa da chuva (Figura 15).

Assim foi todo resto da viagem. Os carros pequenos às vezes saem do atoleiro sendo empurrados pelos passageiros, camionetes 4x4 passam com facilidade, dependendo do motorista, mas veículos maiores como caminhões tem que esperar o Sol secar a estrada. O que faz surgir na estrada uma fila de caminhões e carros que na maioria das vezes ficam parados durante horas, a qualquer sinal de chuva. Com o tempo chuvoso, não existe compromisso que não possa ser adiado, pois ninguém sabe a hora que vai chegar. A relação espaço-tempo é diferente de tudo, depende da vontade da floresta, que apesar de toda violência a qual é submetida, ainda permite a passagem aos seres humanos.

Durante o percurso encontramos um grande atoleiro onde presenciamos o dia a dia dos colonos da Transamazônica, dos desterrados da terra prometida. O que para os moradores da região era só mais um dia difícil como outro qualquer, para os que estavam apenas de passagem como



Figura 15 – transamazônica, acervo próprio. Medicilândia – 2017.



Figura 16 – Trator puxando ônibus, acervo próprio. Medicilândia – 2017.



Figura 17 – Moto atolada, acervo próprio. Medicilândia – 2017.



Figura 18 – Armadilha, acervo próprio. Medicilândia – 2017.



Figura 19 – Juju Baiano, acervo próprio. Uruará – 2017.

nós o cenário se tornou um espetáculo à parte. Primeiro um ônibus sendo puxado pelo trator, posteriormente uma multidão de carros e pessoas emaranhados em uma armadilha digna do Curupira (Figuras 16, 17, 18 e 19).

No meio do caminho encontramos Seu Juju Baiano, como o próprio nome já diz, Seu Juju veio da Bahia, conheceu sua esposa e juntos montaram um restaurante na beira da estrada, o “Comercial do Baiano e Restaurante Comida Caseira”. Na Transamazônica é assim, as dificuldades da estrada devem ser superadas pela solidariedade e colaboração, foi assim que o casal conseguiu chegar em sua comunidade naquele dia (Figura20).

Aonde íamos conhecíamos viajantes, trabalhadores e colonos que vieram para a região no período do plano de colonização, nordestinos e sulistas escolhidos para compor a nova comunidade ideal, que, o colono “deveria ser despedido das suas contaminações e corrupções sociais” (REGO, 2016, p. 47).

Pernoitamos em Uruará e no outro dia visitamos as últimas comunidades, que ficavam no município de Placas. A última comunidade que visitamos

ficava da Rodovia Santarém-Cuiabá, depois da reunião o itinerário era esperar um ônibus para chegar em Santarém, pernoitar e na manhã do dia seguinte voltar para Belém de avião (Figura 21).

Chegando em Santarém, logo me encantei com a beleza e a simplicidade da cidade, que apesar de urbanizada, não tem quantidade de prédios que Belém possui. A constante relação dos seres humanos com o rio Amazonas, a quantidade de barcos, as redes na feira nos dão a dimensão da importância do transporte hidroviário na região. Logo se percebe que o meio hidroviário ainda é o meio de transporte mais comum e mais eficaz. Inclusive para o escoamento da soja (Figuras 22, 23, 24 e 25).

No entanto, ao redor da cidade notamos cada vez mais o impacto que o “progresso”, a “civilização” trouxeram para os povos que aqui já viviam a séculos. Muitos indígenas pedindo esmola pela cidade. Mas um dos problemas da interação. O problema da integração é dilacerante, pois faz com que esses povos desapareçam rapidamente, “não por estarem assimilados à sociedade envolvente, mas porque desapareceram literalmente enquanto nação, enquanto cultura e



Figura 20 – Viajante, acervo próprio. Rurópolis – 2017.



Figura 21 – Santarém – Cuiabá, acervo próprio. Placas – 2017.



Figura 22 – Encontro das águas, acervo próprio. Santarém – 2017.



Figura 23 – Orla de Santarém, acervo próprio. Santarém – 2017.



Figura 24 – Orla de Santarém, acervo próprio. Santarém – 2017.

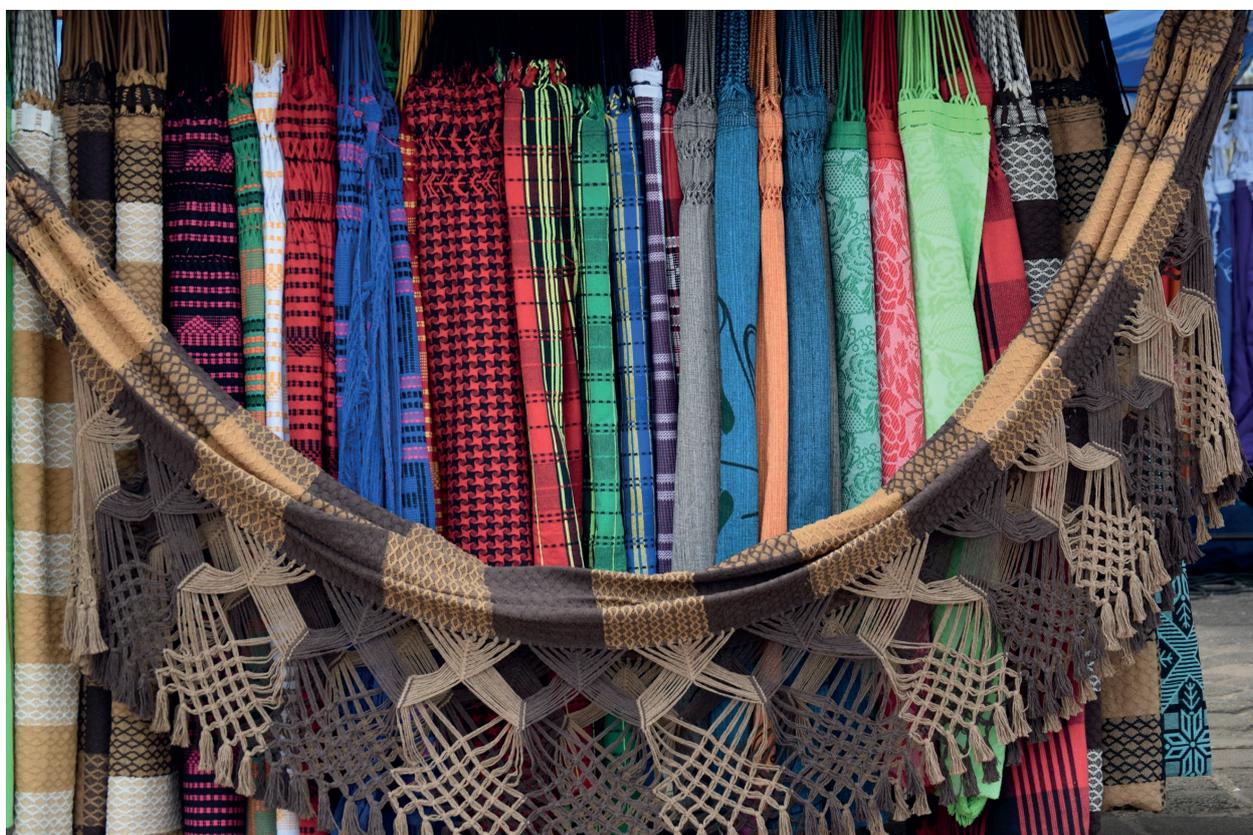


Figura 25 – Barraca de redes, acervo próprio. Santarém – 2017.



Figura 26 – Anciã, acervo próprio. Santarém – 2017.

até enquanto criaturas humanas” (SOUZA, 2015, pg.204). O valor da ancestralidade é uma moeda de um real (Figuras 26 e 27).

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os relatos que compõem essa narrativa poderiam ser divididos em dois textos, não fosse pelos temas que se cruzam na jornada, a BR 230 - Transamazônica. E a tecnologia a serviço da educação. No primeiro caso, muito mais voltada ao protagonismo discente em prol de uma educação progressista libertadora, que é o objetivo e significado da tecnologia educacional. A segunda, educação mediada pela tecnologia, onde o estudante não passa de mero espectador, está ligada muito mais a um conceito de tecnicismo, e da educação a serviço do capitalismo. Mas não são apenas esses fatores que fazem aproximar os temas, mas a própria dinâmica da região, as relações de poder e as dificuldades de quem foi literalmente abandonado no espaço e no tempo. São especulados vários fatores para explicar o abandono da política de integração na Amazônia, segundo Renato Rego

Estudiosos da ampla transformação social, ambiental e econômica que se ensaiou na Transamazônica (em sua maioria norte-americanos) asseguraram que o esquema do INCRA fracassou, entre outras causas, por questões ambientais, como solo pobre e chuvas excessivas (Moran, 1981: XIII; Katzman, 1977: 80; Wesche, 1974: 109); por questões de gerenciamento, como seleção dos colonos pouco adequada, falta de tecnologia compatível com a grandeza do empreendimento, e inexistência da infraestrutura originalmente prevista (cf. Wesche, 1974: 109; Katzman, 1977: 80; Smith, 1982: 25). Esses mesmos estudiosos sugerem que, apesar de aparente longa preparação e planejamento extensivo, faltaram revisões e adaptações: inputs que só a vivência do real poderia fazer à macro-escala do projeto. É certo que o abandono precoce do esquema de colonização impossibilitou estes ajustes (REGO, 2016, p. 49).

O que não se leva em consideração é que essas áreas já eram habitadas e povoadas por gente. Por povos tradicionais que foram massacrados em nome da urbanização rural.

Daniel Munduruku nos conta a história de como surgiu o povo Munduruku e outros povos que abitavam e ainda abitam a região Amazônica.



Figura 27 – Anciã pedindo esmola, acervo próprio. Santarém – 2017.



Figura 28 – Criança brincando, acervo próprio. Jacareacanga.

Karú-Sakaibê é o grande criador, “ele quem criara as montanhas e as rochas soprando em penas fincadas no chão. Eram também criações dele os rios, as árvores, os animais, as aves do céu e os peixes que habitavam os rios e igarapés” (MUNDURUKU, 2005, pg.9). Ele que trouxe o povo que vivia no fundo da terra para cima e enfeitá-la com pessoas que pudessem cuidar dela. Os povos originários continuam resistindo, apesar de todos os empecilhos.

## REFERÊNCIAS

PLATÃO, 2006. **O mito da caverna / Platão / A República**. Belém: Edufpa, 2006.

SOUZA, Márcio. **Amazônia Indígena**. Rio de Janeiro: Record, 2015.

THIEL, Janice. *Pele silenciosa, pele sonora: A literatura indígena em destaque*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

NUNES, Benedito. Prefácio. In: **O mito da caverna / Platão / A República**. Belém: Edufpa, 2006.

MUNDURUKU, Daniel. **Três reflexões sobre os povos indígenas e a lei 11.645/08**. Disponível em:

<http://fundacaoarapora.org.br/moitara/wp-content/uploads/2016/02/19-Daniel-Munduruku.pdf>, 2010.

MUNDURUKU, Daniel. **Contos indígenas brasileiros**. São Paulo: Global, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2019.

REGO, Renato Leão. **Utopia e urbanismo funcionalista na Transamazônica**. In: XIV SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DA CIDADE E DO URBANISMO, 2016, São Carlos. Anais[...]. São Paulo: Instituto de Arquitetura e Urbanismo da USP, 2016. <http://www.iau.usp.br/shcu2016/anais/wp-content/uploads/pdfs/10.pdf>

## SOBRE O AUTOR

Aluno de Mestrado em Artes no PPGARTES/UFPA, Especialista em Tecnologia da Educação pela CCEAD-PUC. graduado em Artes Visuais bacharelado pela UFPA (2015), Graduado em Filosofia pela UFPA (2006). Professor efetivo da SEDUC-PA e colaborador no curso de Licenciatura Intercultural Indígena da UEPA. E-mail: andrefreitas232@gmail.com